



nem dentro nem fora: *in limine*

Estar à janela é, de certo modo,
escapar ao tempo mas, sobretudo,
à definição de espaço.

É pousar e abrir o ser à
permanência num lugar marginal
que não é dentro nem fora, não
pertence ao exterior nem ao interior,
não é espaço público nem espaço
privado.

Estar à janela é, por isso, estar na
margem e aceitar esse espaço
como fronteira física, como limite
visual, como espaço fragmentado
e, sobretudo, como limiar e barreira
intransponível.



Em termos arquitectónicos, a janela é uma abertura na parede que permite a passagem de ar e de luz e que só possibilita o deslocamento de um corpo se a ela se associar um espaço exterior complementar, como um balcão, convertendo-a muitas vezes numa porta mas que, ainda assim, não permite a ligação física efectiva entre interior e exterior. Alguém à janela ou à varanda estará sempre e ainda num espaço de reserva que só é público ao olhar. Aliás, se recuarmos à etimologia latina da palavra, derivada de *januella*, diminutivo de *janua* com o significado de porta, passagem e acesso, facilmente compreenderemos que a janela constitui por si só uma contracção do elemento porta, o verdadeiro canal comunicante entre o dentro e o fora. À janela, um espaço que, na verdade, não está dentro, nem fora, são exigidas outras funções, fundamentalmente relacionadas com questões físicas de circulação de ar e de iluminação de espaços.

Se ultrapassarmos a realidade material e pensarmos a janela como elemento essencial na psicologia do espaço habitado, rapidamente lhe atribuiremos diferentes significados e a janela converte-se num signo capaz de sintetizar vivências, experiências e emoções. É disto evidência a mais recente ocupação das janelas por pessoas de todo o mundo no contexto da pandemia provocada pela Covid-19. Obrigadas ao confinamento nas suas casas, estas viram nas janelas o ponto de contacto físico, mas também simbólico, com o mundo exterior que lhes fora repentinamente interditado. Esta sonegação provisória do quotidiano vivido nas ruas e nos espaços públicos transformou as janelas nos olhos e vozes de homens e mulheres um pouco por todo o mundo. Rapidamente se converteram na montra privilegiada de mensagens de esperança e conforto, no palco de espectáculos musicais informais e, em determinados casos, no único contacto possível com o outro.

Fotógrafos de todo o mundo dedicaram-se exclusivamente à captação da vida que, agora, acontecia, à janela. De repente, a janela transformou-se num palco de ocupação pública colectiva.

Estes fragmentos de vida à janela, vividos também na primeira pessoa, constituíram o mote para direccionar o meu olhar, enquanto historiadora da arte, e procurar perceber o que se faz à janela, tal como foi fixado na pintura, sobretudo nos séculos finais da Idade Média e no início da Idade Moderna. Raramente é um exercício de pura introspecção tal como seria glosado *ad infinitum* na pintura do século XIX. E neste exercício, procurámos olhar as janelas da rua, do lado de fora, do espaço que no nosso presente, estava vazio.



E às janelas são atribuídos imensos papéis. Não sem surpresa, tal é o significado polissémico que ainda hoje o vocábulo janela tem. Janelas-montra; janelas-festa; janelas-pecado, janelas-esperança, janelas-medo, janelas-espectáculo, janelas-espanto, janelas-encontro, janelas-moldura, janelas solitárias e janelas colectivas.

Nos peitoris das janelas, abertas, sempre, exibem-se e vendem-se os objectos produzidos pelos artesãos nas cidades: luvas, sapatos, vidros, cerâmicas, ferragens, de tudo se encontra nessas janelas-montra. Nos dias das grandes festas religiosas e principais eventos da cidade, colocam-se os melhores tapetes do lado de fora das janelas, varandas, balcões e balaustradas, e todos, homens, mulheres e crianças, se põem à janela, vestidos com os seus melhores trajes. Tudo isto resulta num exercício de demonstração de

poder até pela possibilidade de deterem uma janela alta e larga num local com vistas tão privilegiadas. Observam o cortejo ou a procissão passar, apoiados nas suas almofadas cuidadosamente pousadas sobre os peitoris, e são vistos e dão a ver. Constituem, muitas vezes, um dos lados privilegiados da participação na festa e no espectáculo urbano, longe do bulício e da confusão das ruas e afastados da gente miúda.





Giovanni Francesco Toscani, *La corsa del Palio nelle strade di Firenze* (detalhe), 1418. Cleveland, The Cleveland Museum of Art.
Denis van Alsloot, *Celebração da Ommegang em Bruxelas: procissão de Nossa Senhora de Sablon* (detalhe), 1616. Madrid, Museo del Prado.





Vincent de Beauvais, *Miroir Historial*. Paris, BnF Français 312, f. 44v, 1385.

Jheronimus Bosch, *O vendedor ambulante* (detalhe), c. 1500. Rotterdam, Museum Boijmans van Beuningen.

Lluís Borrassà, *Jovem à janela*, 1400-1415. Barcelona, Museu Nacional d'Art de Catalunya.

A janela é também um espaço privilegiado para convocar emoções tais como a esperança, o espanto ou o medo. Há janelas em barcas cujos ocupantes procuram, através delas, avistar o pedaço de terra prometido depois do Dilúvio; há janelas por onde espreitam rostos amedrontados em habitações que espelham realidades económicas difíceis; há

também janelas-gesto onde as personagens que as ocupam são de tal modo expressivas no gesto que parecem emanar delas toda a acção da narrativa onde se integram. São janelas de ocupação individual e que transferem emoções muito sintéticas, mas profundas, para quem as observa.





Outras há que, ocupadas de forma individual, dão corpo visual ao interdito, ao adultério, às relações desiguais no casamento, ao pecado. Nelas, podem, ver-se, por exemplo, mulheres que tentam homens à sua passagem. Vestem-se de acordo e assumem-se como símbolo desviante da ordem e do permitido. Outras ainda controlam os seus maridos e vestem as calças por eles.

Página ao lado: Bernardus Paludanus, *Album amicorum*, c. 1579. The Hague, Koninklijke Bibliotheek.

Boccaccio, *Le Décaméron*, 1432. Paris, BnF Arsenal 5070, fol. 252r.

Para finalizar e acentuar o carácter *voyeurista* de olhar de fora para dentro, através de uma janela, restam-nos as janelas-encontro, aquelas onde se apresentam os amantes, lícitos e ilícitos.

Oscilam entre o recato, a ordem e a paixão proibida.

À janela, esse espaço provisório e transitório, tudo acontece para, logo depois, desaparecer. É o espaço privilegiado da acção efémera e finita, de um momento fixado no tempo.









Andrea di Bonaiuto, *Caminho para o Calvário* (detalhe), 1365-1368. Firenze, Chiesa di Santa Maria Novella, Cappellone degli Spagnoli.

Fan Ho, *Private*, 1960.

Pieter Bruegel O Velho, *Provérbios Flamengos* (detalhe), 1559. Berlin, Gemäldegalerie.



